

## Culto Messiânico n184

9:00hs – Início da Escola Sabática

9:20hs – Louvor Musical.

9:35hs – Informações gerais [judaísmo]

9:40hs – Culto a YAOHUH UL'HIM e ao Seu Filho, Yaohu'shua!

Shua'oleym a todos; tenham um excelente shabbos na presença dEles. Hoje, estaremos falando que a Posqayao bíblica ocorre sempre no dia 14 de Nisan, conforme o calendário estabelecido nas Escrituras, enquanto a Páscoa cristã dominical foi definida séculos depois por cálculo eclesiástico no Concílio de Niceia. Essa diferença explica por que a data celebrada pela Igreja Católica Apostólica Romana e pelas igrejas protestantes praticamente nunca coincide com a cronologia bíblica ligada à Posqayao e aos eventos da crucificação e ressurreição do Messias. Vamos começar então...

Canto Congregacional e entrada da plataforma: **Letzion.mp3**. Oração a YAOHUH!

### Sermão 184: Qual páscoa você vai seguir?

A Páscoa dita cristã, estabelecida pela ICAR e seguida à risca pelos ditos crentes, em 2026 será no dia 5 de abril devido a uma regra astronômica e religiosa estabelecida no Concílio de Niceia em 325 d.C. De novo o concílio!

Diferente de feriados com data fixa (como o Natal deles), a Páscoa é uma data móvel baseada nos ciclos da Lua e do Sol. Ela é definida como o primeiro domingo após a primeira Lua Cheia que ocorre no ou após o equinócio de primavera no Hemisfério Norte (outono no Hemisfério Sul).

Para o ano de 2026, o cálculo funcionou assim: o Equinócio ocorreu em 20 de março. A primeira Lua Cheia pós-equinócio acontece em uma quinta-feira, 2 de abril. E quanto ao Domingo de Páscoa? Sendo assim, o domingo seguinte à Lua Cheia é o dia 5 de abril. Então, o Resumo da Regra é que sempre será no Equinócio de Primavera do Hemisfério Norte e que foi fixado pela ICAR em 21 de março para simplificar o cálculo. Diante disto, a Páscoa dos crentes sempre cairá entre os dias 22 de março e 25 de abril.

Essa variação também afeta outras datas do calendário litúrgico, como o Carnaval (que ocorre 47 dias antes) e o Corpus Christis sendo sempre comemorado na quinta-feira, 60 dias após a Páscoa e logo após o domingo da tal de Santíssima Trindade. Como a data da Páscoa depende do primeiro domingo após a primeira lua cheia depois do equinócio, a data do Corpus Christis varia a cada ano, caindo entre maio e junho. E a quinta-feira é sempre mantida como dia fixo para honrar a Última Ceia, quando o 'jesus deles' teria instituído a Eucaristia.

Mas, não existe um dia fixo da Páscoa no calendário moderno. Cada ano deve ser determinado conforme o ciclo lunar e o início do mês bíblico. Qualquer tentativa de fixar a Páscoa em uma data constante inevitavelmente produzirá erros. Assim, compreender o calendário bíblico não é apenas uma questão histórica, mas também um retorno ao padrão estabelecido nas Escrituras.

A discussão sobre a data da Páscoa sempre revelou uma profunda diferença entre o calendário estabelecido nas Escrituras e o sistema litúrgico, adotado séculos depois pela tradição eclesiástica. Muitos cristãos modernos imaginam que a Páscoa seja simplesmente uma festa cristã que ocorre em um domingo específico do calendário moderno, mas essa percepção ignora completamente a origem bíblica da

celebração. Nas Escrituras, a Posqayao não é definida por um domingo em especial, nem por um cálculo astronômico complexo desenvolvido por autoridades religiosas posteriores. Pelo contrário, a data foi estabelecida de forma direta, simples e repetida diversas vezes no texto sagrado: a Páscoa deve ocorrer no décimo quarto dia do primeiro mês do calendário bíblico. Essa determinação aparece claramente em Êxodo, quando o cordeiro pascal deveria ser separado no décimo dia do mês e guardado até o décimo quarto dia, momento em que seria sacrificado ao entardecer. O mesmo princípio aparece novamente em Levítico, onde se afirma explicitamente que 'no mês primeiro, aos catorze do mês, pela tarde, é a Páscoa de YAOHUH'. A repetição dessa instrução em diferentes livros da Torá demonstra que não se trata de um detalhe secundário, mas de um mandamento central dentro do calendário sagrado.

Entretanto, para compreender corretamente essa determinação, é necessário reconhecer que o calendário usado nas Escrituras não corresponde ao calendário civil moderno. O calendário bíblico não foi baseado em meses fixos como janeiro, fevereiro ou abril, nomes que surgiram muito tempo depois dentro da tradição romana. O sistema bíblico utilizado em Yaoshor'ul é luni-solar; organizado a partir dos ciclos da lua e do ritmo agrícola da terra. O primeiro dia de cada mês começa com a lua nova, e o primeiro mês do ano é chamado Abib, termo que descreve o estágio da cevada ainda verde nos campos de Yaoshor'ul, nos tempos bíblicos. Posteriormente esse mês também passou a ser conhecido como Nisan. Assim, o calendário bíblico estava profundamente conectado tanto aos ciclos celestes quanto às estações agrícolas, formando um sistema completamente diferente daquele que, hoje, domina o mundo moderno.

Essa diferença explica por que a Posqayao não pode ser fixada permanentemente em um único dia do calendário gregoriano. Essa mobilidade natural não significa que a data bíblica seja incerta; pelo contrário, ela permanece sempre a mesma dentro do calendário estabelecido nas Escrituras: o décimo quarto dia do primeiro mês. O que muda é apenas a forma como esse dia aparece quando convertido para o calendário civil moderno.

Ao longo dos primeiros séculos da era cristã, essa relação entre a Páscoa bíblica e a memória da morte do Messias tornou-se objeto de intenso debate. Muitos discípulos mantinham a prática de celebrar a memória da morte do Messias exatamente no dia 14 de Nisan, seguindo o padrão estabelecido na Posqayao bíblica. Para esses cristãos, a conexão entre o sacrifício do Messias e o cordeiro pascal era tão direta que não fazia sentido alterar a data estabelecida nas Escrituras. Entretanto, outros líderes eclesiásticos começaram a defender que a celebração deveria ocorrer sempre em um domingo. Essa divergência acabou se tornando uma controvérsia significativa dentro da igreja primitiva.

A disputa finalmente foi resolvida no século IV durante o famoso Concílio de Niceia. Nesse encontro, convocado pelo imperador Constantino, foi decidido que a celebração cristã não deveria mais depender do calendário hebraico. Em vez de manter o dia 14 de Nisan, a igreja estabeleceu um novo sistema de cálculo para determinar a data da Páscoa. A regra geral afirmava que a Páscoa deveria ocorrer no primeiro domingo após a primeira lua cheia que acontece depois do equinócio da primavera no hemisfério norte. Esse método ficou conhecido como computus paschalis e continua sendo utilizado até hoje pelas igrejas cristãs ocidentais.

E porque o 'domingo'? Porque naqueles dias já estava decretado que a ressurreição fora em um domingo... Esse sistema cria inevitavelmente uma diferença entre a Posqayao bíblica e a Páscoa eclesiástica. Enquanto o calendário bíblico

permanece fixo no décimo quarto dia do primeiro mês, o cálculo eclesiástico introduz dois elementos novos: a lua cheia pascal e o domingo subsequente. O resultado é uma celebração que pode se afastar vários dias da data bíblica original. Em alguns anos a diferença é pequena; em outros, torna-se bastante perceptível.

Neste ano, por exemplo, o cálculo litúrgico determina que a Páscoa celebrada pela Igreja Católica Apostólica Romana e seguida pela maioria das denominações protestantes ocorrerá no dia 5 de abril. Essa data é obtida a partir da regra estabelecida em Niceia: após o equinócio eclesiástico fixado em 21 de março, identifica-se a primeira lua cheia posterior e então se escolhe o primeiro domingo seguinte. A partir desse domingo são organizadas todas as celebrações da chamada Semana Santa, incluindo o domingo de ramos, a sexta-feira santa e o domingo da ressurreição; a páscoa deles!

Contudo, quando examinamos atentamente os relatos dos evangelhos, encontramos elementos que levantam questões importantes sobre a cronologia tradicional da chamada semana santa.

Um dos pontos mais debatidos é a declaração do próprio Messias registrada em Mateus, onde ele afirma que permaneceria três dias e três noites no coração da terra. Essa afirmação cria uma dificuldade evidente para a interpretação tradicional que coloca a crucificação na sexta-feira e a ressurreição na manhã de domingo. Entre esses dois momentos existe um intervalo de aproximadamente um dia e meio, o que não corresponde à expressão 'três dias e três noites'.

Essa aparente contradição tem levado muitos estudiosos a reexaminar a cronologia dos eventos descritos nos evangelhos. Uma chave importante para compreender o problema aparece na legislação das festas descritas em Levítico. Ali se explica que o dia seguinte à Posqayao inaugura a festa dos pães ázimos e que o primeiro dia dessa festa também é um sábado cerimonial, um dia de descanso solene que deve ser observado independentemente do dia da semana. Esse detalhe muitas vezes passa despercebido pelos cristãos modernos, mas ele possui grande importância para interpretar corretamente os relatos da crucificação.

Nos evangelhos encontramos uma indicação clara de que o dia após a morte do Messias era um sábado especial. O evangelho relata que aquele sábado era 'grande', expressão que sugere um dia festivo e não apenas o sábado semanal comum. Isso significa que a semana da crucificação poderia conter dois dias de descanso consecutivos; ou até três, levando-se em consideração o próprio dia da páscoa, mas refiro-me ao sábado cerimonial da festa dos pães ázimos e o sábado semanal tradicional.

Esse detalhe ajuda a explicar um ponto aparentemente contraditório entre os relatos de Marcus e Luka. Em Marcus é dito que as mulheres compraram especiarias depois do sábado para ungir o corpo do Messias. Já em Luka se afirma que elas prepararam especiarias e depois descansaram no sábado. À primeira vista parece impossível conciliar essas duas afirmações, pois parece que as mulheres compraram as especiarias depois do sábado, mas ao mesmo tempo as prepararam antes dele. A dificuldade desaparece quando reconhecemos que havia dois tipos de sábados naquela semana. Após o primeiro sábado festivo, as mulheres puderam comprar e preparar as especiarias na sexta-feira. Em seguida veio o sábado semanal, no qual elas descansaram conforme o mandamento.

Quando essa sequência é reconstruída, descobrimos que a crucificação ocorreu em uma quarta-feira, pouco antes do pôr do sol. Nesse caso, o dia seguinte seria o sábado festivo da festa dos pães ázimos. Depois viria uma sexta-feira comum e

finalmente o sábado semanal. Essa sequência permite que o período entre a morte e a ressurreição alcance exatamente três dias e três noites, completando-se no final do sábado. Assim, quando as mulheres chegaram ao sepulcro no início do primeiro dia da semana, ele já estava vazio.

Independentemente de qual reconstrução cronológica seja considerada mais convincente, um fato permanece claro: nas Escrituras a Posqayao está inseparavelmente ligada ao 14º dia do primeiro mês. A transformação dessa data em um domingo determinado por cálculo eclesiástico representa uma mudança histórica significativa, ocorrida séculos depois dos eventos descritos nos evangelhos.

Essa diferença revela também um contraste teológico profundo. A Posqayao bíblica é apresentada como um memorial da libertação do Egito e como uma sombra profética do sacrifício do Messias. O cordeiro pascal, sacrificado no décimo quarto dia do mês, simboliza a redenção obtida através do sangue. Já a Páscoa dominical enfatiza principalmente a ressurreição celebrada no primeiro dia da semana. Ambas as perspectivas procuram honrar eventos centrais da fé, mas partem de calendários e interpretações diferentes do tempo sagrado.

Assim, quando observamos o calendário religioso contemporâneo e vemos que a Páscoa de 2026 será celebrada em 5 de abril pela tradição dita cristã, estamos diante de um sistema de cálculo que deriva de decisões históricas posteriores ao período apostólico. O calendário bíblico, por outro lado, continua seguindo o ciclo do mês de Nisan e a determinação original do 14º dia estabelecida nas Escrituras.

Essa diferença entre os dois sistemas revela algo profundo sobre a maneira como o tempo sagrado foi entendido ao longo da história. De um lado está o calendário diretamente associado às festas estabelecidas na Torá; do outro, um calendário litúrgico desenvolvido dentro da história da igreja. Ambos coexistem até hoje, mas representam tradições distintas de interpretar e organizar a memória dos acontecimentos centrais da fé. E isto foi alvo das Escrituras: leia Dn 7:25.

A compreensão da data da Páscoa exige olhar para um processo histórico e bíblico muito mais amplo do que geralmente se imagina. O ponto de partida inevitável está nas próprias Escrituras, onde o calendário sagrado foi estabelecido com clareza. O primeiro mês do ano bíblico não era janeiro, nem março, nem abril, mas sim o mês chamado Abib, posteriormente conhecido como Nisan. Esse mês estava diretamente ligado ao ciclo agrícola da terra de Yaoshor'ul, especialmente ao amadurecimento da cevada. O calendário hebraico original era um sistema luni-solar, isto é, dependia tanto dos ciclos da lua quanto das estações do ano. O início de cada mês era marcado pela lua nova, e aproximadamente quatorze dias depois ocorria a lua cheia. É exatamente nesse ponto do mês que aparece a data da Posqayao, pois a ordem dada nas Escrituras afirma que o cordeiro deveria ser sacrificado no décimo quarto dia do primeiro mês. Essa determinação aparece claramente em Êxodo e é reafirmada em Levítico, mostrando que a data da Páscoa bíblica não foi deixada ao acaso nem dependia de interpretações posteriores. A festa deveria ocorrer sempre no 14º dia do primeiro mês, ao entardecer.

Esse detalhe conecta a Posqayao diretamente ao ciclo lunar. Quando o mês começa com a lua nova, o décimo quarto dia coincide aproximadamente com a lua cheia. Isso significa que a celebração da Páscoa bíblica ocorre quando a lua está completamente iluminada. Essa característica não é apenas um detalhe astronômico; ela possui também um significado prático e simbólico. Durante a noite da saída do Egito, quando Yaoshor'ul partiu apressadamente da terra da escravidão, a lua cheia iluminava o caminho do povo. O evento é que realmente importa e não

o fenômeno 'lua'! A festa, portanto, estava naturalmente associada ao momento em que o mês alcançava sua plenitude luminosa.

Entretanto, quando o cristianismo começou a se espalhar pelo mundo greco-romano, surgiu uma questão delicada: de que maneira os seguidores do Messias deveriam celebrar a memória de sua morte e ressurreição. Nos primeiros séculos não existia unanimidade. Muitos cristãos, como vimos, continuavam observando a data da Posqayao no décimo quarto dia de Nisan, exatamente como aparecia no calendário bíblico. Para esses discípulos, a ligação entre o sacrifício do Messias e o cordeiro pascal era evidente. Assim como o cordeiro era morto no décimo quarto dia do mês, o Messias também havia sido executado durante a Páscoa.

Contudo, diversas outras comunidades cristãs começaram a enfatizar mais fortemente o domingo como dia central da fé, pois os evangelhos relatam que o túmulo foi encontrado vazio no primeiro dia da semana. Daí, com o passar do tempo, essas comunidades passaram a defender que a celebração da ressurreição deveria ocorrer sempre em um domingo, independentemente da data do calendário hebraico. Assim nasceu uma controvérsia que marcou profundamente os primeiros séculos da história cristã. Controvérsia esta resolvida por um pagão!

E, entre os personagens mais conhecidos desse debate estava Policarpo de Esmirna, um líder cristão que defendia a preservação da data tradicional do 14º dia do mês. Policarpo afirmava seguir o costume recebido dos apóstolos. Por outro lado, líderes da igreja de Roma insistiam que a celebração deveria ocorrer sempre no seu domingo. Durante algum tempo essas duas práticas coexistiram, mas as tensões cresceram à medida que a igreja buscava maior uniformidade litúrgica.

A situação chegou a um ponto decisivo no século IV, quando o imperador Constantino convocou o grande encontro que ficaria conhecido como o Concílio de Niceia. Entre vários assuntos discutidos nesse concílio estava a questão da data da Páscoa. Os líderes reunidos decidiram que a celebração cristã não deveria mais depender do calendário judaico. Em vez de manter a data do décimo quarto dia de Nisan, foi estabelecida uma regra nova para calcular o domingo pascal. Essa regra, vimos, determinava que a Páscoa deveria ser celebrada no 1º domingo após a primeira lua cheia que ocorre depois do equinócio da primavera no hem. norte.

A decisão de Niceia criou o sistema conhecido como computus paschalis, o método matemático usado para determinar a data da Páscoa a cada ano. E, o equinócio foi fixado no dia 21 de março para fins eclesiásticos, mesmo que a data astronômica real possa variar ligeiramente. Depois de identificado esse ponto no calendário, procura-se a primeira lua cheia que ocorre após ele. O domingo imediatamente seguinte a essa lua cheia é então declarado como o dia da Páscoa.

Esse sistema garante que a celebração ocorra sempre entre o final de março e o final de abril. Enquanto a Posqayao continua ligada ao décimo quarto dia do mês de Nisan, o cálculo eclesiástico depende de uma combinação de fatores astronômicos e litúrgicos. Em alguns anos as duas datas ficam próximas; em outros anos elas se afastam significativamente.

No caso específico de 2026, o cálculo litúrgico determinou que a Páscoa celebrada pela Igreja Católica Apostólica Romana e seguida pela maioria das igrejas protestantes ocorrerá no domingo 5 de abril. Essa data surge do processo que descrevemos até agora. Após o equinócio eclesiástico de 21 de março, identifica-se a primeira lua cheia – 2 de março, quinta-feira – e então o primeiro domingo subsequente é escolhido como o dia pascal. A partir dessa data são organizadas todas as celebrações da chamada Semana Santa.

Aqui seria interessante acrescentar que os TJs sempre tentando se desvincular do 'cristianismo tradicional' estabeleceram que a sua páscoa será dia 2 de abril, na próxima quinta-feira... pois será este o primeiro dia da lua nova, nesta semana... Mas e a Bíblia? Não se exige que seja em 14 de Nisan; quarta-feira agora? Irmãos... há anos que eu os sigo em relação a suas 'páscoas', e eles não acertam uma data! E ainda assim eles dizem que só eles têm a Verdade!

Bem, quando voltamos aos relatos dos evangelhos, encontramos elementos que levantam questões importantes sobre a cronologia tradicional associada à Semana Santa e às crenças dos ditos cristãos... E, um dos textos mais discutidos, como vimos, é a declaração registrada em Matt'yaohuh, onde o Messias afirma que permanecerá três dias e três noites no coração da terra. Essa afirmação se tornou um ponto de debate porque a tradição cristã popular costuma ensinar que a crucificação ocorreu na sexta-feira e a ressurreição na manhã de domingo. Entre esses dois momentos existe um intervalo relativamente curto, que não corresponde literalmente à expressão 'três dias e três noites'.

Esse problema levou diversos estudiosos a examinar mais cuidadosamente a sequência das festas bíblicas descritas em Levítico. Ali se explica que o dia seguinte à Posqayao inaugura a festa dos pães ázimos e que o primeiro dia dessa festa é um sábado solene. Esse sábado não depende do ciclo semanal; ele é um sábado cerimonial ligado à festa. Isso significa que, dependendo do ano, esse dia de descanso pode cair em qualquer dia da semana, como vimos há pouco em relação à dita controvérsia entre Marcus e Luka; e é isto que derruba a dita controvérsia.

Mas ao observar o calendário religioso contemporâneo, percebemos que estes dois sistemas continuam coexistindo. De um lado está o calendário bíblico, que segue o ciclo lunar do mês de Nisan e mantém a data fixa do décimo quarto dia. De outro lado está o calendário litúrgico desenvolvido pela ICAR ao longo da história, que utiliza o cálculo nisceno para determinar o domingo da celebração. E é por isto que em 2026, esse cálculo levou à data de 5 de abril para a Páscoa celebrada pela tradição cristã ocidental.

Essa convivência de calendários distintos mostra como o texto bíblico pode ser interpretado de maneiras diferentes ao longo da história. Para alguns, a fidelidade ao calendário bíblico continua sendo o elemento central. Para outros, a tradição litúrgica da igreja tornou-se lei. Em qualquer caso, a discussão sobre a data da Páscoa revela muito mais do que um simples detalhe cronológico. Ela expõe a maneira como comunidades de fé compreendem a autoridade das Escrituras, a continuidade da tradição e o significado simbólico das festas que marcam o calendário sagrado e principalmente, quem, verdadeiramente detêm a Verdade. Amnao!

**Música Final: Lavando os pés de Yaohu'shua!** (Voz Masc. Novas). Irmãos...

Na próxima quarta-feira, por volta das 8 da noite, preparem uma mesa com os elementos da verdadeira páscoa (pão e vinho sem fermento – as receitas e orientações estão em nosso site, na página: Sermões), reúnam a família, lavem os pés uns dos outros e leia I Co 11:23-19. Façam a posqayao entre os seus! Bênçãos...

**Oremos:** Santo Pai YAOHUH... somos o povo do 'Está Escrito', onde as tradições e as imposições da igreja mãe, não nos atingem. E por isto, somos extremamente gratos, por mais esta Verdade! Permita-nos, agora, que mostremos a falsidade da dita páscoa cristã, inclusive com seus ovos de chocolates... Ajude-nos a derrubar tais Ventos de Doutrinas entre os nossos amigos e familiares... Esta é a minha oração e a faço em Nome de Yaohu'shua... Amnao!

\* **10:45hs** – Encerramento (convite)... Amnao!

**- Não Deixem de Divulgar a ESN e-Book**

**LETZION (Sião) by CYC**

Kol od balevav penimah  
[Enquanto no fundo do coração]  
Nefesh yaorrudi homiyah,  
[Palpitar uma vida judaica]  
Ulfaatei mizrach kadimah  
[E em direção ao Oriente]  
Ayin letzion tzofiyah. (2x)  
[O olhar voltar-se a Sião]

Od lo avdah tikvatenu  
[Nossa esperança ainda não está perdida]  
Hatikvah bat shnot alpayim,  
[Esperança de dois mil anos]  
Lihiyot am chofshi beartzeinu,  
[De ser um povo livre em nossa terra]  
Eretz tzion vi'yashuaolayim. (2x)  
[A terra de Sião e Yashua'oleym]  
Kol od balevav penimah  
[Enquanto no fundo do coração]

Nefesh yaorrudi homiyah,  
[Palpitar uma vida judaica]  
Ulfaatei mizrach kadimah  
[E em direção ao Oriente]  
Ayin letzion tzofiyah. (2x)  
[O olhar voltar-se a Sião]

Nefesh yaorrudi homiyah,  
[Palpitar uma vida judaica]  
Ayin letzion tzofiyah. (2x)  
[O olhar voltar-se a Sião]

Od lo avdah tikvatenu  
[Nossa esperança ainda não está perdida]  
Hatikvah bat shnot alpayim,  
[Esperança de dois mil anos]  
Lihiyot am chofshi beartzeinu,  
[De ser um povo livre em nossa terra]  
Eretz tzion vi'yashuaolayim. (2x)  
[A terra de Sião e Yashua'oleym]

**Lavando os pés de Yaohu'shua!**

[Verso 1]

E chegando a Posqayao, tudo preparado no cenáculo; e os discípulos reunidos estavam...

Ao canto, muita água; bacias postas e entreolhando-se, os discípulos exclamavam: cadê o servo? Cadê???

Yaohu'shua que a tudo via, levantou-se da ceia, tirou o manto e, tomando uma toalha, cingiu-se!

Depois deitou água na bacia e começou a lavar os pés aos discípulos; e, a lhes enxugar com a toalha cingida...

[Verso 2]

Chegando a Shami'ul Kafos, foi inquirido: Mestre, lavas-me os pés a mim? Nunca me lavarás os pés, dizia!

Justificando, falou Yaohu'shua: Se eu não te lavar, não tens parte comigo!

Atônito disse Sham'iul: Mestre, então não somente os meus pés, mas também as mãos e a cabeça!

Kafos: Aquele que pelas águas já passou, não necessita de lavar senão os pés, pois no mais está todo limpo!

[Refrão]

E deitou água na bacia e começou a lavar os pés aos discípulos, e a lhes enxugar com a toalha cingida...

Dizendo: se sabeis estas coisas, bem-aventurados sois se as praticardes até aquele dia!

[Verso 3]

E eis que uma mulher pecadora que havia na cidade, quando soube que ele estava à mesa, trouxe um vaso de alabastro com bálsamo;

...e estando aos seus pés, chorando, começou a regar-lhe os pés com lágrimas e os enxugava com os seus cabelos; e beijava-lhe os pés, unguindo-os...

[Ponte]

Shami'ul, ouça o que tenho para lhe dizer:

Vês tu esta mulher de Magdala? Entrei em tua casa, e não me destes água

para os pés; mas esta com suas lágrimas os regou e com seus cabelos os enxugou!

Não me deste ósculo; ela, porém, desde que entrei, não tem cessado de beijar-me os pés...

Não me ungiste a cabeça com óleo; mas ésta com bálsamo ungiu-me os pés!

[Final]

E deitando água na bacia aos discípulos lavou os pés, e a lhes enxugar com o balsamo da Sua dor, dizia: bem-aventurados sois se as praticardes até aquele dia! Amnao, Amnao!